



São Paulo, 21 de setembro de 2020

Com relação às queixas sobre as aulas remotas durante a pandemia de Covid-19, o Semesp, entidade que representa mantenedoras de ensino superior no Brasil, reitera a autonomia universitária e a liberdade de gestão das mantenedoras, não cabendo à entidade interferir nas decisões estratégicas referentes à organização acadêmico-administrativa de cada instituição de ensino superior.

O Semesp também lembra que a pandemia de Covid-19 afetou seriamente o setor do ensino superior privado. A taxa de inadimplência devido ao desemprego e à perda do poder aquisitivo dos alunos aumentou 51%; a evasão cresceu 14%; e a captação de novos alunos no segundo semestre de 2020 também sofreu redução de 50%, em comparação ao segundo semestre de 2019. Esses são fatores que influenciam a sustentabilidade financeira das instituições, interferindo na sua capacidade de manter integralmente o seu corpo docente, já que cerca de 70% das despesas das instituições de ensino superior são com a folha de pagamento.

Além disso, o Semesp destaca que, apesar de alguns contratempos, a maioria dos estudantes aprovou a experiência com as aulas on-line, segundo a pesquisa “Adoção de Aulas Remotas – Visão dos Alunos e Docentes”, realizada pelo Instituto Semesp no período de 6 a 15 de julho de 2020, com a participação de 2.588 alunos e 413 professores de Instituições de Ensino Superior públicas e privadas no Brasil, para conhecer as principais dificuldades e aprendizados com a experiência das aulas remotas.

De acordo com o diretor-executivo do Semesp, Rodrigo Capelato, a aprovação chegou a ponto de os alunos considerarem a possibilidade de adoção de um ensino híbrido no retorno. Ele diz que “alguns estudantes ouvidos destacaram a economia de tempo e dinheiro, além do melhor aproveitamento nas disciplinas”, e que a maioria dos alunos que prefere retornar às aulas presenciais após a pandemia é de cursos presenciais que demandam aulas práticas, como Odontologia, Medicina, Enfermagem.

“Os alunos de cursos mais teóricos ou que oferecem maior possibilidade de aulas práticas fora do ambiente escolar, como Administração, Engenharias e aqueles relacionados à Informática, consideraram a possibilidade de um ensino híbrido no retorno, cumprindo aulas teóricas a distância e as aulas práticas e avaliações de forma presencial”, explica o diretor-executivo.

Já 71,6% dos professores da rede privada classificaram a experiência como “Ótima ou “Boa”, e nas instituições públicas, 52,1%.

Após a experiência com as aulas remotas, 47,8% dos alunos da rede privada demonstram interesse em conciliar os dois modelos ou em até continuar com aulas remotas (síncronas ou assíncronas). Nas públicas, esse percentual é de 48,7%.





Mais da metade dos docentes (52,6% na rede privada e 52,1% na pública) também respondeu que gostaria que o curso fosse ofertado de forma híbrida (parte presencial e parte on-line).

Entre outros dados, a pesquisa revelou que, de maneira geral, os alunos das instituições privadas se mostraram um pouco mais satisfeitos do que estudantes das públicas. Enquanto 45,4% dos alunos na rede privada consideram a experiência como “Ótima” ou “Boa”, na rede pública esse percentual ficou em 44,5%.







